

# O NARRADOR EM *A REVOADA*: A IMPORTÂNCIA DOS MARCADORES TEXTUAIS NO PROCESSO CONVERSACIONAL ENTRE O LEITOR E TRÊS GERAÇÕES DE MACONDO<sup>1</sup>

## THE NARRATOR IN *A REVOADA*: THE IMPORTANCE OF TEXTUAL SIGNS IN THE CONVERSATIONAL PROCESS BETWEEN THE READER AND THREE GENERATIONS OF MACONDO

---

Aline Santos Pereira Rodrigues<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O presente artigo propõe discussão acerca da concepção de narrador conversacional e como marcadores textuais auxiliam no processo de projeção mental, interpretação e crença no texto, ou seja, no universo ficcional construído. Para tanto, apresento como objeto de estudo a obra *A revoada* (2014), de García Márquez, uma vez que há a oportunidade para análise pensada nessa direção, visto que os narradores se manifestam como três vozes em meio a um cenário de morte, enredo conturbado pela incerteza de fazer o que se pensa como correto ou aquilo que os demais imaginam ser justo. Como base teórica, elencaram-se obras que dialogam com a psiconarratologia e a figura do narrador, tendo em vista a proposta de reflexão deste estudo.

**Palavras-chave:** Narrador conversacional. Marcadores textuais. Psiconarratologia.

**ABSTRACT:** This article proposes a conceptual discussion of conversational narrator and how textual signs help in the process of mental projection, interpretation and belief in the text, in other words, in the constructed fictional universe. For that, I present as an object of study the narrative *A revoada* (2014), García Márquez's work, since there is an opportunity for analysis thought in this direction, whereas the narrators manifest themselves as three voices in the middle of a scenario of death, plot troubled by the uncertainty of doing what one thinks is right or what others think is fair. As a theoretical basis, the texts dialogue with psychonarratology and the figure of the narrator, in view of the reflection proposal of this study.

**Keywords:** Conversational narrator. Textual signs. Psychonarratology.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 18 de setembro de 2018 e aceito em 27 de novembro de 2018. Texto orientado pelo Prof. Dr. Pedro Ramos Dolabela Chagas (UFPR).

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Letras (Estudos Literários) da UFPR.  
E-mail: alines.pm@hotmail.com



## INTRODUÇÃO

Tendo em vista a reflexão construída durante a leitura de *A revoada*<sup>3</sup>, de Gabriel García Márquez, é possível afirmar o quão importante e instigante é a figura do narrador, concebido como três vozes na trama: o velho coronel, figura que representa um dos patriarcas de Macondo; Isabel, a filha obediente, porém atenta; e o neto, criança extremamente observadora. Assim, deram-se os primeiros passos deste estudo, considerando a obra literária e a singularidade que cada um dos três narradores iam apresentando para mim durante a narrativa, em um processo conversacional entre minha perspectiva como leitora e os elementos textuais apresentados pelos olhares dos narradores. Dessa maneira, neste artigo, a figura do narrador (ou narradores) será pensada objetivando analisar como os marcadores textuais contribuíram para a minha construção mental (na condição de leitora) sobre o narrador; discutir como as implicações sobre o narrador me conduziram ou não no processo de interpretação da obra; conhecer o texto a partir da identidade do narrador e verificar como isso influencia o *make-believe*<sup>4</sup> no processo de crença no mundo ficcional que se é narrado.

Desse modo, para que o estudo apresentasse linha de raciocínio coerente, julguei pertinente como base teórica essencial a obra *Psychonarratology: foundations for the empirical study of literary response*, de Bortolussi e Dixon (2003), visto que os autores propõem certa perspectiva sobre a figura do narrador, compreendendo-o como alguém que está contando uma história, uma construção mental próximo a um interlocutor, assim como em um diálogo real. Ademais, é necessário ponderar também sobre a contribuição de *The nature of fiction*, de Currie (2008), e *Experiencing narrative worlds*, de Gerrig (1998), uma vez que essas duas obras entreveem concepções de narrador no mesmo viés de Bortolussi e Dixon (2003). Há ainda que mencionar que a leitura de Currie (2008) me auxiliou na compreensão e relação entre verdades ficcionais concebidas por meio da interpretação desenvolvida a partir do que o narrador traz para mim, leitora; ora, apenas irei crer (ou desconfiar) daquilo que me foi narrado, quando contado por essa projeção que chamamos de narrador.

Dessa maneira, este estudo se organiza em dois momentos primordiais: há inicialmente a discussão sobre os primeiros passos para a construção mental do leitor sobre o narrador, logo, ponderações acerca de como ocorre esse processo considerando os marcadores textuais. Em sequência,

---

<sup>3</sup> Neste estudo, apesar de a obra em questão ter sido publicada primeiramente em 1955, adotou-se a 21ª edição, publicada em 2014, pela Editora Record.

<sup>4</sup> Tal termo pode ser compreendido modestamente como **fazer de conta** ou **fazer acreditar em algo**. Todas as traduções apresentadas em notas foram feitas pela autora deste artigo.



argumento sobre minha leitura de *A revoada* sob essa ótica de narração, apresentando a maneira como se constroem os narradores da obra selecionada no movimento conversacional, compreendendo-os como projeções mentais, como meus interlocutores.

Toda a seleção teórica esteve em constante associação com a obra literária, a fim de alcançar os objetivos propostos. Além disso, é válido ressaltar que, diante do rico enredo de García Márquez (2014) e concepções da psiconarratologia, este artigo se constitui como estudo inicial dos conhecimentos que poderão ser articulados a partir dessas bases literária e teórica.

## PRIMEIROS PASSOS PARA A CONSTRUÇÃO MENTAL DO LEITOR SOBRE O NARRADOR

Diferentemente de concepções com nomenclaturas excessivas e enraizadas, Bortolussi e Dixon, ao tratarem sobre a figura do narrador, apresentam ideias instigantes envolvendo a psiconarratologia. Assim, tendo em vista de imediato a importância e necessidade do narrador, posto que é a voz dele que o leitor confronta ao percorrer uma obra, há algo a mais a ser questionado: como esse **ser que narra** é composto? Como leitora, acredito que uma abordagem que leve em conta o narrador conversacional é justificável e de fácil adesão, uma vez que “the presence, in the mind of the reader, of this communicative situation colors virtually all aspects of the text and its interpretation”<sup>5</sup> (BORTOLUSSI; DIXON, 2003, p. 60). Logo, ao imaginar a figura do narrador como alguém que está nos contando uma história faz com que imergíssemos cada vez mais no universo ficcional apresentado. O narrador conduz a história, é ele quem traz os detalhes sobre tempo e espaço, por exemplo, a respeito da trama, indicando os caminhos a serem percorridos, aí a relevância dessa **pessoa que narra**. Ao aderirmos a ideia de um narrador conversacional, estamos tomando essa voz (seja tida como feminina ou masculina) como alguém que poderá nos revelar o que estamos buscando naquela obra ou, ainda, trazer uma reviravolta de enredo que jamais esperávamos.

Há ainda o que se discutir acerca dos tipos de narradores. Bortolussi e Dixon discorrem desde o narrador extradiegético (externo, não se configura como participante da história) até o intradieético, sendo esse último

---

<sup>5</sup> “(...) a presença, na mente do leitor, desta situação comunicativa colore praticamente todos os aspectos do texto e sua interpretação”.



presente em *A revoada*, uma vez que os três personagens que narram os acontecimentos, em primeira pessoa, são ativos na trama. Entretanto, o protagonismo se vê na figura do médico taciturno, odiado pelo povoado, que ao falecer, é velado por estas três gerações de Macondo: pai, filha e neto. É claro que, ao ler pela primeira vez a obra, em um movimento maior de fruição do que reflexão, talvez essa denominação de narrador não esteja em primeiro plano, porém ela nos auxilia em como nos **portarmos** diante desse tipo de interlocutor. Vale acrescentar que, tomarei neste estudo a palavra **interlocutor** como sinônimo para narrador, visto a possível relação de equivalência que a psiconarratologia nos apresenta entre o diálogo conversacional que se tem com uma pessoa real e, portanto, com aquela voz que está nos contando uma história, o próprio narrador.

Importante também se dá a ponderação acerca dos *textual signs*, compreendidos, em uma tradução livre, como marcadores textuais presentes na narrativa. Sobre tais marcadores, Bortolussi e Dixon afirmam que “the presence of textual signs (...) generally signal a personal narrator, either in the story world or external to it. Presumably, characteristics, knowledge, and beliefs of the narrator may be inferred from such information”<sup>6</sup> (BORTOLUSSI; DIXON, 2003, p. 65). Logo, é possível compreender que esses traços textuais contribuem para que a imagem do narrador seja construída, isto é, só poderei confiar naquilo que está me sendo contado se confiar na pessoa (projeção mental que faço dessa voz) que está me contando a história. Nomes próprios, informações sociais – classe, religião, profissão, informações pessoais – idade, gênero, personalidade, maneiras de comportamento, são apresentados pelos estudiosos como marcadores textuais. A defesa sobre a concepção do narrador conversacional, ou seja, a construção feita pelo leitor, uma projeção mental criada a partir dos marcadores textuais, é vista no trecho:

The narrator [is] not as logical or abstract characteristic of the text but as a mental representation in the mind of the reader. In other words, the narrator should be viewed as a reader construction. (...). Although the narrator is in the mind of the reader, it is based on identifiable features of the text. (...). In particular, the narrator would be assumed to share perceptual ground, language, and culture with the reader.<sup>7</sup> (BORTOLUSSI; DIXON, 2003, p. 72)

---

<sup>6</sup> “(...) a presença de marcadores textuais geralmente sinaliza um narrador pessoal, seja no mundo da história ou externa a ele. Presumivelmente, características, conhecimento e crenças do narrador podem ser inferidos de tal informação”.

<sup>7</sup> “O narrador não é uma característica tão lógica ou abstrata do texto, mas uma representação mental do leitor. Em outras palavras, o narrador deve ser visto como uma construção do leitor. (...). Embora o narrador esteja na mente do leitor, é baseado em características identificáveis do texto. (...). Em particular, presumir-se-ia que o narrador compartilha o fundamento, a linguagem e a cultura perceptuais com o leitor”.



É necessário salientar que, durante as leituras feitas de *A revoada*, pude verificar o quão significativo se faz tais marcadores, visto que, apesar da trama ser narrada em primeira pessoa, há deslocamento de focos narrativos no momento em que determinada situação é contada ora pela perspectiva do coronel, ora por Isabel, ora pela criança. Entretanto, em nenhum momento as vozes narrativas se contradizem, elas estão em constante processo de complementação, o que fez com que os acontecimentos sejam percebidos de maneira ampla e completa. Dessa maneira, ao prosseguir na leitura, fui construindo a figura de cada interlocutor de modo cada vez mais aprimorado, podendo imaginá-los e receber as vozes deles em um processo de fruição e reflexão sobre a obra.

No processo conversacional narrador-leitor, os estudiosos afirmam ainda que aquele que narra assume a postura de cooperador do **diálogo** criado. Assim, quando há falta de informação sobre a trama, é possível o desenvolvimento de inferência por parte do leitor. Na narrativa de García Márquez, as inferências construídas se deram com relação a detalhes ligados à causa e consequência, por exemplo: as marcas textuais relacionadas ao narrador ligado à figura do neto do coronel revelam esse personagem como extremamente observador. Logo, inferi que a situação vivenciada, para ele, causava mais do que estranhamento, mas uma grande apreensão, beirando ao medo. A inferência, nesse caso, pode ser compreendida como resultado da interpretação do que está sendo enunciado pelo interlocutor na narrativa. Bortolussi e Dixon defendem a ideia de inferência considerando leitor e narrador participantes ativos em uma conversa, "this means that readers perceive that the narrator addresses them for some purpose, and they feel naturally motivated to discern this purpose"<sup>8</sup> (BORTOLUSSI; DIXON, 2003, p. 73).

Quando se está diante de uma obra, no processo comunicativo com o narrador/interlocutor, há a apresentação de um universo ficcional, o qual traz verdades a respeito da narrativa: Isabel é filha do coronel e mãe de um garoto, essa é uma das verdades em *A revoada*. O fato do médico, o ser tão odiado pelo povo de Macondo, ter um caso com Meme, caracteriza-se como outra verdade ficcional. Tais informações são dadas a partir das vozes dos narradores que García Márquez nos apresenta. O fato de acreditar, inferir, interpretar e aceitar esse universo literário faz com que eu, como leitora, participe do jogo do *make-believe*, conceito discutido por Currie, uma vez que "[it's] allows us to achieve in imagination what we are denied in reality"<sup>9</sup> (CURRIE, 2008, p. 19). Desse modo, é possível criar, com base nas percepções teóricas refletidas, uma espécie de **ciclo da leitura literária**. A criação desse ciclo ilustra e sumariza o processo que envolve a presença dos marcadores textuais, estimulando a projeção mental criada

---

<sup>8</sup> "(...) isto significa que os leitores percebem que o narrador os direciona para algum propósito, e eles se sentem naturalmente motivados a discernir esse propósito".

<sup>9</sup> "(...) nos permite alcançar na imaginação o que nos é negado na realidade".



pelo leitor a respeito da figura do narrador como um interlocutor. Assim, há o emergir das verdades ficcionais, apresentadas pela voz de quem narra: se o leitor, nesse processo, acredita em tais informações, acontece o pacto de leitura por meio do *make-believe*, fazendo com que o universo ficcional seja aceito e apreciado. Dessa maneira, pode-se perceber que todos esses aspectos estão interligados e acontecem em rede, de modo que o universo ficcional comporte marcadores textuais da narrativa e haja desenvolvimento dos demais aspectos.

Currie ressalta, ainda, um aspecto que pode ser encontrado no movimento do *make-believe*, o denominado "story-meaning"<sup>10</sup> (CURRIE, 2008, p. 116). Tal ideia reflete o momento em que o leitor decide sobre o que é verdade na história. Essa decisão, na maioria das vezes tomada inconscientemente, é extremamente importante, uma vez que preciso, como leitora, acreditar no sentido das afirmações (relacionadas à história) que me são narradas pelos meus interlocutores textuais para poder crer no universo ficcional oferecido. Por exemplo, diante da obra *A revoada*, se eu, leitora, não acreditar que o personagem do médico era odiado pelo povoado, dificilmente seguirei na leitura ou gostarei dela.

## AS VOZES DE TRÊS GERAÇÕES DE MACONDO NA PERSPECTIVA DA PSICONARRATOLOGIA

Ao me deparar com a obra *A revoada*, marcante por vários aspectos, principalmente por apresentar a primeira menção sobre Macondo, aldeia ficcional de *Cien años de soledad* (2014), desenvolvi leitura e reflexão com base nas concepções de Bortolussi e Dixon acerca do narrador conversacional. Criei, então, a projeção mental de três interlocutores, aos quais confiei o trabalho de me contarem a história. O centro da narrativa é o enterro de um sombrio médico que, de uma maneira ou outra, achou sentido em se enforcar. A trama se torna instigante a partir do momento em que se revela a aversão que o povoado tem sobre esse sujeito, justificando o não consentimento para o sepultamento. A história contada compreende um período de menos de uma hora – tempo em que se aguarda a autorização para enterrar o doutor – de uma quarta-feira, porém há vários momentos de deslocamento temporal, uma vez que os três narradores vão se lembrando de situações vivenciadas (na maioria das vezes relacionadas com o médico), explicando como eles conheceram o falecido e qual o impacto que ele causou na vida da família. Curioso é que somente após alguns capítulos se constrói

---

<sup>10</sup> "(...) sentido da história".



a justificativa, com detalhes, do porquê o povoado não cultivava bons sentimentos pelo médico.

Os marcadores textuais estavam em constante desenvolvimento. A narrativa inicia pela voz do garoto, pode-se perceber a estranheza e a perplexidade dele diante da situação desde a primeira frase dita: "Pela primeira vez vi um cadáver" (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 9). Essa compreensão pelo sentimento desse primeiro interlocutor vai se tornando cada vez mais nítida à medida que ele conta sobre os detalhes da cena:

Viemos à casa onde está o morto. (...). O ar é parado; concreto; tem-se a impressão de que se poderia cortá-lo com uma lâmina de aço. (...). O calor me golpeou o rosto desde o primeiro momento e senti este cheio de restos que a princípio era sólido. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 9)

Assim, a projeção mental criada sobre esse narrador é de que, a partir da inquietação e curiosidade vivida, ele é um observador, é ele que, durante toda a narrativa, traz minuciosidade ao texto. Além disso, a percepção sobre o espaço, a maneira como o morto estava colocado no ataúde, o cheiro que se sentia naquele ambiente, até mesmo a respeito da luminosidade no ambiente, dá-se na voz desse narrador. O primeiro que teve contato.

É necessário ressaltar que a única a ter nome próprio é Isabel, mãe do garoto. A respeito de idade, apenas a criança possui esse traço (ele tem pouco menos de onze anos). A classe é justificada pelo título de coronel que o pai de Isabel traz consigo, o que resulta na projeção de uma família de uma classe influente no povoado. De acordo com Bortolussi e Dixon, essas características podem ser tidas como atribuições explícitas sobre os narradores, uma vez que "explicit attribution occurs when characteristics, behavior, knowledge, or beliefs are attributed to the narrator explicitly in the text"<sup>11</sup> (BORTOLUSSI; DIXON, 2003, p. 80). Entretanto, em nenhum momento da narrativa há indícios sobre traços físicos dos narradores, contudo, por saber a relação entre a criação de Macondo em *Cien años de soledad* e a pátria do próprio autor, a Colômbia (informação obtida em outros estudos e com base na própria biografia de García Márquez), penso que os personagens apresentam traços físicos colombianos. Essa última consideração se relaciona às minhas inferências, com raízes em outro escrito de García Márquez. Contudo, também pode ser considerada significativa, ligando-se ao processo interpretativo.

---

<sup>11</sup> "(...) a atribuição explícita ocorre quando características, comportamento, conhecimento ou crenças são atribuídas ao narrador explicitamente no texto".





Considerando a voz de Isabel, segundo narrador apresentado, os marcadores indicam a figura de uma jovem obediente às ordens de seu pai, porém preocupada e nervosa com o julgamento do povoado. A partir dos marcadores textuais ligados a ela, pude imaginar alguém com grande devoção à família, principalmente pelo coronel, uma vez que, apesar de considerar errada a atitude do patriarca, ela o segue. É pela voz de Isabel que reconhecemos por primeiro a aversão do povoado pelo morto:

Imagino a expressão das mulheres nas janelas, vendo passar meu pai, vendo-me passar com o menino atrás de um caixão mortuário em cujo interior principia a apodrecer a única pessoa a quem o povoado sempre quis ver assim, conduzida ao cemitério em meio a um implacável abandono, seguida pelas três pessoas que resolveram fazer a obra de misericórdia que será o começo de sua própria vergonha. (...). Ele (o coronel) passou a vida fazendo coisa como esta; dando pedras para o povoado comer, cumprindo com seus mais insignificantes compromissos de costas para todas as conveniências. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 14 e 15)

Além disso, nesse trecho, percebe-se que Isabel não só traz informações sobre si mesma e sobre o povoado, mas sobre outro personagem/narrador: o coronel. Isso corrobora com Bortolussi e Dixon, visto que “these declarations (textual signs) can be made by narrators themselves, or can be offered by other characters or narrators”<sup>12</sup> (BORTOLUSSI; DIXON, 2003, p. 65). Ao afirmar que o pai sempre fez **coisas como esta**, ou seja, ele sempre tomou suas próprias decisões e seguiu adiante com seus próprios julgamentos, revelou-se, então, marcador textual a respeito da personalidade/identidade do patriarca: a persistência em um propósito criado.

O coronel começa a narrar assinalando seu próprio diálogo com o alcaide de Macondo, espécie de governante do povoado, enfatizando o pedido pelo enterro do médico e a refuta desse. É esclarecido, nessas primeiras palavras do pai de Isabel, sobre a mágoa que o povo sente pelo doutor, porém não são dados detalhes sobre isso; esses são postos mais à frente. Desse modo, pontos da personalidade desse narrador (já mencionados na voz da filha) aparecem novamente no trecho: “Começo agora a compreender que de nada valerá meu compromisso conta a ferocidade de todo um povoado, e que estou encurralado,

---

<sup>12</sup> “(...) estas declarações (marcadores textuais) podem ser feitas pelos próprios narradores, ou podem ser oferecidas por outros personagens e narradores”.





cercado pelo ódio e pela impertinência de uma quadrilha de ressentidos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 25). Pode-se perceber a obstinação do coronel, entretanto, há um aspecto nessa perspectiva que talvez seria impossível ter no olhar de Isabel, o patriarca sabe, no interior de sua consciência, que ele pode perder na **disputa pelo sepultamento**.

Gerrig, corroborando com a ideia de narrador na psiconarratologia, admite o narrador como um agente da informação: “It is often the major responsibility and privilege of the narrator to reveal to readers information that may or may not be shared with characters within the work”<sup>13</sup> (GERRIG, 1998, p. 144). Tal perspectiva se delinea na narrativa analisada, uma vez que as vozes dos narradores vão sendo entrecruzadas, complementando-se, apresentando cada qual suas características, marcadores textuais, encaminhando-me para o ciclo de leitura proposto.

Outra figura importante na narrativa é Meme, personagem que é criada quase como filha do coronel. A irmã adotiva de Isabel não se configura como narradora, no entanto, em diversos momentos ela aparece nas **narrativas de memórias** de Isabel. Essa interlocutora nos conta que Meme se tornou concubina do doutor, mesmo ele não sendo capaz de ajudá-la em uma enfermidade. Isabel não consegue compreender o porquê da atitude de Meme. A resposta para a relação entre os amantes se dá pela voz do coronel, páginas à frente, ele já tinha ciência sobre o caso, visto que no momento em que o doutor se recusou a auxiliar a jovem enquanto ela estava passando mal, revelou-se ao coronel que essa situação já havia acontecido, tratava-se de um aborto, e que logo ela melhoraria. O coronel assim declara: “Devo confessar que não me surpreendi. Nem tive espanto, perplexidade ou cólera. Não senti nada. Talvez sua confissão (a do doutor) fosse demasiado grave, no meu modo de entender, e fugisse à minha compreensão” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 107). O curioso nesse ponto da história é a complementação das narrações. Isabel apresenta a figura daquela que se tornou amante do doutor, mas há lacunas que são preenchidas pela voz do coronel, essa integração dos discursos acontece ao longo da narrativa, não somente no fluxo das memórias, mas também nos momentos que se caracterizam como o presente, o enterro do médico, portanto.

O mesmo movimento se dá ao explicar a repulsa do povoado pelo médico. Isabel apresenta esse sentimento, porém não explica a raiz dele, é pela voz do coronel que tomamos conhecimento sobre os pormenores dessa ocorrência. O coronel, em um primeiro momento da narrativa, conta-nos que lembra a ocasião, há vinte e cinco anos atrás, quando o médico chega à casa deles e lhe entrega a carta de recomendação “dirigida pelo Intendente Geral do Litoral

---

<sup>13</sup> “Muitas vezes, revelar aos leitores informações que podem ou não ser compartilhadas com personagens dentro do enredo é a principal responsabilidade e privilégio do narrador”.



Atlântico, nos fins da guerra grande, o Coronel Aureliano Buendía” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 27), justificando o porquê de ele ter aceitado o médico, hospedando-o na casa da família. Isso se mostra mais uma vez no trecho: “Logo no início da nossa conversa percebi que aquele homem (o doutor) conhecia muito bem o Intendente Geral e que o estimava num grau suficiente para corresponder à sua confiança” (p. 60). A partir disso, o pai de Isabel narra que nos primeiros quatro anos exercendo a profissão em Macondo, o doutor teve êxito. Todavia, após a companhia bananeira organizar serviço médico aos trabalhadores e solicitar uma espécie de **diploma de medicina**, o doutor foi ficando cada vez mais recluso, não atendendo mais pacientes. O conflito entre o povoado e o médico é narrado da seguinte maneira:

Macondo tronou-se um povoado atropelado por um grupo de bárbaros armados; (...). Então foi quando encostaram as padiolas na porta, e lhe gritaram (...) – Doutor, socorra estes feridos, que os outros médicos já não dão conta. (...) – Levem-nos a outra parte, já não sei mais nada disso. (...). E continuou (porque a porta jamais fora aberta) com a porta fechada, enquanto homens e mulheres de Macondo agonizavam diante dela. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 132)

Assim, próximo ao fim da narrativa, compreendemos o motivo do ódio direcionado à figura do protagonista. Outro aspecto também é desvendado pela voz do pai de Isabel: a insistência dele em enterrar o falecido se dá porque quando o coronel estava enfermo, o doutor auxiliou na recuperação dele (diferente da postura tomada com Meme). Dessa maneira, prevendo o ódio da aldeia, o médico diz: “O senhor não me deve nada, coronel. Mas se quiser me fazer um favor, jogue-me um pouco de terra em cima quando eu amanhecer morto. É a única coisa de que preciso para não ser comida pelos urubus” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 134). Percebe-se a ligação entre o conflito da história, pedido do doutor e a obstinação do coronel, jogo interpretativo que vai sendo delineado durante o texto pela voz do patriarca.

A narrativa termina pela voz do neto, ressaltando novamente minúcias do ambiente, principalmente o som do canto de uma sururina, espécie de ave encontrada nas Américas do Sul e Central, que, segundo a criança, só canta quando sente cheiro de morto. É percebido ainda o assombro do menino, atento a tudo, agora principalmente ao movimento que é despendido no fechar do caixão (uma vez que, após muita perseverança do coronel, é concedido o direito de enterrar o falecido): “O martelo bate, bate, e enche tudo; (...). Os homens fazem um último esforço, retesam-se com os pés cravados no solo, e o ataúde fica flutuando na claridade, como se estivessem levando um navio morto para sepultar”



(GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 141 e 142). Por fim, é possível compreender que cada narrador apresenta características próprias, compondo identidades diferentes para cada interlocutor. Contudo, apesar disso, as vozes narrativas se entrelaçam e apresentam, cada qual a sua maneira, a história, enriquecendo o enredo com perspectivas únicas e me fazendo construir muito mais do que um simples romance, mas um universo ficcional totalmente complexo em detalhes e fascinante pela maneira de ser contato.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista a obra *A revoada*, bem como os objetivos propostos neste artigo, pode-se afirmar que a perspectiva sobre o narrador como projeção mental do leitor foi extremamente válida na leitura feita. Ao fruir na narrativa, a partir da construção de meus três interlocutores, pude imaginar as cenas com maior clareza e me identificar com alguns sentimentos vinculados às identidades dos narradores. Acreditar nas verdades ficcionais apresentadas, logo, desenvolver o *make-believe*, torna-se muito mais fácil quando se tem a figura da **pessoa que narra**. À vista da primeira leitura feita, não me atentei diretamente aos marcadores textuais, entretanto, quando me deparei com a releitura do enredo, pude verificar que eu, como leitora, já tinha os interpretado sem consciência disso (tanto atribuições explícitas quanto as implícitas), isso me faz crer o quão tênue e significativa é a presença dessas informações para, neste caso, dar-se o desenvolvimento das figuras relacionadas aos narradores.

Ao notar que se tratavam de vozes de interlocutores com idades distintas: criança, jovem e senhor mais velho, interpretei que as perspectivas apresentadas trariam cada qual um foco diferente. O menino, por exemplo, é extremamente detalhista, o coronel, por sua vez, em vários momentos apresenta sentimento de honra pela promessa feita ao doutor (de o enterrar). O que me surpreendeu, de forma positiva, foi a maneira como os discursos vão se interligando, esse aspecto trabalhou muito com a minha memória de leitora, visto que, por exemplo, Isabel afirma no início da narrativa que o povoado nutre rancor pelo médico, mas a razão desse sentimento só vai ser revelada praticamente ao final da história. Por apresentar essa vinculação de discursos, os narradores se apresentaram, para mim, como coerentes, confiei neles, portanto. Percebi, após a segunda leitura da obra, que essa ligação entre as vozes influenciou o meu jogo de *make-believe*.

É necessário ressaltar, por fim, que diante da experiência como leitora, a concepção de narrador conversacional é extremamente significativa e coerente para a interpretação da ficção apresentada. Ela faz com que a fruição e



reflexão da obra se tornem leves, mas ao mesmo tempo expressivas, explorando minúcias do texto.

## REFERÊNCIAS

BORTOLUSSI, M.; DIXON, P. *Psychonarratology: Foundations for the empirical study of Literary response*. United States of America: Cambridge University, 2003.

CURRIE, G. *The nature of fiction*. United States of America: Cambridge University, 2008.

GARCÍA MARQUÉZ, G. *A revoada: O enterro do diabo*. Tradução de Joel Silveira. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. *Cien años de soledad*. 5. ed. España: Penguin Random House, 2014.

GERRIG, R. J. *Experiencing narrative worlds: On the psychological activities of reading*. United States of America: Westview, 1998.

